

ARTE LATINO-AMERICANA: PERCURSOS E OMISSÕES NA HISTORIOGRAFIA DA ARTE

Alejandra Hernández Muñoz, Prof^a MSc.
alehmunoz@uol.com.br

Resumo

A maioria dos cursos e dos manuais de História Geral da Arte existentes no Brasil não aborda a arte latino-americana. São pouquíssimas as iniciativas acadêmicas, seja através de disciplinas de graduação ou de linhas de pesquisa de pós-graduação, que trabalham especificamente sobre esse tema, e quando o fazem, é sob um recorte espaço-temporal muito sucinto que tende a compreender de modo anedótico ou generalista algumas características das principais culturas pré-colombianas. No caso da arte contemporânea latino-americana, quando é estudada, freqüentemente é tratada sob um olhar unidirecional como transposição linear e acrítica dos movimentos de vanguarda e do debate artístico europeu, e pouco reconhecida em suas especificidades, rupturas e contribuições respeito ao contexto artístico internacional.

Por esses motivos, a contribuição deste estudo é fornecer subsídios para avaliar e discutir o estado do conhecimento sobre a arte latino-americana, visando a estruturação e implementação da disciplina História da Arte Latino-americana nos cursos da EBA/UFBA. Será apresentada uma síntese do levantamento de referências realizado até o momento na pesquisa realizada com estudantes e professores da EBA/UFBA, estimulando o intercâmbio com outros centros e grupos de estudo existentes no Brasil e no exterior.

Introdução

O presente trabalho decorre da pesquisa “Arte Latino-americana: percursos modernos e contemporâneos” iniciada em 2002 sob nossa coordenação, a partir de trabalhos realizados na disciplina EBA 181 História da Arte Contemporânea na EBA/UFBA, com a participação dos alunos dos semestres letivos 2002.2, 2003.1, 2003.2 e 2004.1, das monitoras Neila Maciel e Elisa Zambenedetti, das mestrandas Priscila Lolata e Juciara Barbosa, da Prof^a. Mônica Farias Menezes e da Prof^a Yumara Souza Pessoa.

A arte latino-americana na pesquisa universitária

Para uma avaliação do estudo da arte latino-americana em nível acadêmico, no Brasil buscamos mapear a situação dos principais centros de produção científica do país em nível federal e estadual, com uma metodologia bastante simples: o levantamento de informações disponibilizadas *on-line* pelo Ministério de Educação e *sites* institucionais.

Como primeira análise, considerou-se a oferta de cursos de graduação na área de Artes Visuais - Artes Plásticas, segundo os dados do INEP/MEC sintetizados no Quadro 01. De um total de 127 cursos/habilitações, menos de 40% são oferecidos por Instituições Federais de Ensino Superior (IFES) e Instituições de Ensino Superior (IES) Estaduais.

Quadro 01: Graduação em Artes Visuais e Artes Plásticas no Brasil
Fonte: INEP/MEC – Pesquisa: out.2004

Cursos/Habilitações	IFES	IES	OUTROS
127	31	18	78

Numa análise pormenorizada, considerando a área de Artes Visuais - Artes Plásticas e a relação de 45 cadastros das IFES do INEP/MEC, foram levantadas as disciplinas, linhas de pesquisa e projetos específicos sobre arte latino-americana que existem nos cursos de graduação e pós-graduação nas universidades federais.

Segundo as informações disponibilizadas nos *sites* universitários (cursos existentes na área, currículos, ementas) e sintetizadas no Quadro 02, das 45 IFES, pouco mais da metade conta com cursos de graduação na área e, destas, apenas **duas contam com disciplinas optativas de *História da Arte na América Latina***. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) de Porto Alegre, RS e Universidade Federal de Goiás (UFG) de Goiânia, GO. Algumas IFES que não contam com cursos na área de Artes Plásticas ou Visuais, a exemplo das Universidades Federais de Santa Catarina (UFSC) e do Ceará (UFC), nos cursos de Arquitetura e Urbanismo têm disciplinas afins de *Arquitetura na América Latina*.

Quadro 02: Área de Artes Visuais ou Artes Plásticas no Brasil - IFES
Fonte: INEP/MEC e sites institucionais – Pesquisa: out.2004

Região	IFES	Graduação	Pós-graduação
Sul	6	5	2
Sudeste	15	5	5
Centro-Oeste	4	4	2
Nordeste	11	8	2
Norte	9	3	1
TOTAL	45	25	12

No total das IFES, em nível de pós-graduação, dos 12 programas que apresentam dados on-line, não há registro de qualquer linha de pesquisa, projeto ou departamento que tenha como o objeto o tema da arte latino-americana.

No caso das Universidades Estaduais - embora a pesquisa ainda esteja em andamento -, a situação não é muito diferente. Como mostra o Quadro 03, do total de 77 IES Estaduais, apenas 32 são Universidades. Novamente considerando a área de Artes Visuais - Artes Plásticas e os cadastros do INEP/MEC, apenas 10 contam com cursos de graduação.

Quadro 03: Área de Artes Visuais ou Artes Plásticas no Brasil

Fonte: INEP/MEC e sites institucionais – Pesquisa: out.2004

Região	IES	Universidades	Graduação
Sul	19	7	4
Sudeste	30	7	6
Centro-Oeste	4	3	-
Nordeste	17	12	-
Norte	7	3	-
TOTAL	77	32	10

A Universidade de São Paulo (USP) é a única instituição no país a contar com estruturas de pesquisa e publicações específicas sobre arte latino-americana. Dentre os núcleos e centros de pesquisa da USP, trabalham especificamente sobre esse tema:

- **Centro Ángel Rama (CAR)**, centro de estudos latino-americanos formado em 1979, na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, dedicado a estudos interdisciplinares concentrados em política, literatura, filosofia e economia.
- **Sociedade Científica de Estudos da Arte (CESA)**, associada à SBPC e com financiamento da FAPESP, sediado na Escola de Comunicações e Artes (ECA), promove pesquisa na área de Arte e Cultura da América Latina, congrega estudiosos, ministra cursos e conclaves, arrola e cadastra obras teóricas e de pesquisa empírica, e publica a revista *Arte e Cultura da América Latina*. A coordenadora Profa. Dra. Dilma de Melo Silva também conta com o projeto individual de pesquisa *Arte e comunicação na América Latina* que tem por objetivo pesquisar documentação bibliográfica e teses referentes à arte latino-americana, visando publicação para auxiliar pesquisadores, especialistas, alunos de graduação e pós-graduação.
- **Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação (CELACC)**, desmembramento do Centro Brasileiro de Estudos Latino-Americanos (CEBELA) em 1996, é um núcleo de pesquisa interdepartamental na ECA, que reúne docentes, pesquisadores,

alunos de graduação e de pós-graduação, envolvidos em projetos e atividades no campo da cultura e da comunicação na América Latina. Desenvolve projetos segundo duas grandes linhas (Cultura e Comunicação na América Latina e Cultura e Comunicação das Classes Subalternas), sobre cinema, Mercosul, identidade cultural, turismo, comunicação sindical, etno-musicologia e neoliberalismo. Coordenado pela Profa. Dra. Maria Nazareth Ferreira, o CELACC é responsável pela publicação da revista *Comunicação & Política*, com trabalhos de cientistas sociais, cientistas políticos, comunicadores sociais, educadores e intelectuais comprometidos com o intercâmbio entre instituições e profissionais latino-americanos.

- **Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina - PROLAM/USP** é uma das associações de pesquisa sediadas na USP, que dentre suas linhas de pesquisa, a de Comunicação e Cultura desenvolve o projeto de Produção Artística e Crítica Cultural na América Latina, estudo comparado da produção artística e do pensamento crítico da modernidade latino-americana, com o objetivo de discutir as contribuições da arte e da literatura para a formação da consciência sobre a identidade cultural.

Desta aproximação quantitativa sobre a formação artística no Brasil, podemos concluir que apenas em três das 122 universidades federais e estaduais, encontramos instâncias de estudo da arte latino-americana, o que equivale a dizer que só 2,5% dos centros acadêmicos mais importantes do país contribuem para a formação do conhecimento sobre o tema. Porém a inexpressiva atenção ao tema da arte latino-americana no meio acadêmico brasileiro é incompatível com a trajetória e o papel do Brasil no cenário artístico ocidental, seja através das participações destacadas de artistas, críticos e curadores nos eventos internacionais mais importantes ou na própria realização dos mesmos, a exemplo da Bienal de São Paulo, considerada entre as grandes mostras de arte contemporânea internacionais (junto à Bienal de Veneza e a Documenta de Kassel).

Paradoxalmente, esse “silêncio” acadêmico no Brasil se torna ensurdecedor quando comparado com a diversidade de instâncias universitárias internacionais que vem dedicando esforços à formação do conhecimento sobre a arte latino-americana. Segundo informações do Universia, existem 52 **departamentos universitários internacionais** que se dedicam aos estudos latino-americanos, dos quais 42 só nos Estados Unidos e os outros distribuídos em Canadá, Reino Unido, Alemanha, Finlândia, Rússia e Suécia. Desse conjunto, pelo menos duas universidades norte-americanas tem enfoques, publicações e grupos

de trabalho específicos sobre a arte latino-americana: Tulane University em Louisiana e University of Texas em Austin (Texas).

Quadro 04: Cursos de Arte Latino-americana na América Latina

Fonte: Google e sites institucionais – Pesquisa: jul.2004

País	Graduação	Pós-graduação
Chile	3	-
México	2	1
Equador	1	-
Argentina	1	-
Puerto Rico	2	-
Venezuela	-	1
México	-	1
TOTAL	9	3

Sobre os cursos específicos oferecidos por Universidades latino-americanas - embora a pesquisa ainda esteja em andamento -, até o momento encontramos um total de doze (com metodologia, programas, bibliografias), nove relativos a disciplinas curriculares de cursos de graduação e três de pós-graduação, conforme mostrado no Quadro 04 por locais.

Embora o panorama traçado até aqui não seja conclusivo, permite ler um perfil de oferta acadêmica que necessita urgentemente de redimensionamento e intercâmbios pela responsabilidade histórica que têm tido os centros universitários na formação do conhecimento e da crítica sobre arte latino-americana, bem como na consolidação de uma consciência cultural.

Os acervos de arte latino-americana

A formação das primeiras coleções de arte latino-americana data desde os tempos coloniais, desde os gabinetes de curiosidades e objetos exóticos até lentamente a estruturação de museus nacionais em alguns casos acompanhados ou impulsionados pelas descobertas arqueológicas. Com a formação das primeiras academias de Belas Artes, começa a haver uma especialização por técnicas e períodos até os primeiros acervos de arte moderna. Após a fundação em 1929 do pioneiro Museum of Modern Art (MoMA) de New York desde os anos 40 se sucede a criação de vários museus de arte moderna além dos museus específicos de artistas renomados.

No Brasil a fundação do Museu de Arte de São Paulo (MASP) seguem em 1948 as fundações dos MAM-Rio, MAM-SP e SAM –Recife. Com a criação da Bienal de São Paulo em 1951 se consolida uma vontade de investimentos intelectuais e econômicos na arte contemporânea, que ecoa pouco depois na criação do MAM-BA em 1959 e do MAC-USP em 1963. Os anos 70 cristalizarão um olhar específico sobre a arte latino-americana quando em 1975 a XII

Bienal de São Paulo, dedica salas para os artistas José Luis Cuevas (México), Fernando Szyzlo (Peru), Augusto Torres (Uruguai), Luis Hernandez Cruz (Porto Rico) e Alejandro Otero (Venezuela).

Atualmente uma parte da pesquisa está dedicada ao mapeamento dos Museus de Arte Moderna e Contemporânea existentes na América Latina e no mundo. Dos dados levantados até o momento, dentre os poucos acervos especializados sobre o tema da arte latino-americana do século XX, podemos apontar o Museo de Arte Latino-americano de Buenos Aires (MALBA) – Colección Constantini, como a maior e mais abrangente. Dentre outras coleções importantes, figuram o Museo de Arte Contemporaneo de Santa Cruz de la Sierra (Bolívia) e a Coleção Cisneros (Caracas); nos Estados Unidos, o Museo de Arte Latino-americano/Colección Gumbiner em Long-Beach, CA e a Coleção de Arte Latinoamericana do MoMA em New York.

As publicações sobre arte latino-americana

Na evolução da crítica de arte latino-americana, a literatura no século XIX, a imprensa no início do século XX e as revistas especializadas a partir da década de 20, traçam um percurso de legitimação artística e divulgação de idéias e manifestos. A esses veículos soma-se o surgimento das primeiras histórias da arte latino-americana que acrescentavam à produção republicana, a arte do período colonial e, em alguns casos, incluíam referências à arte pré-hispânica, configurando panoramas artísticos com abrangência de até três séculos. Embora sob uma perspectiva progressista e evolucionista, estes trabalhos buscavam traçar um fio condutor desde a arte colonial até a arte das vanguardas como explicação para a construção de uma identidade baseada num *leit-motiv* racial dos povos latino-americanos, sob critérios de periodização fortemente condicionados pela identificação de escolas e gerações de artistas, com base no critério da “personalidade do artista”.

O caminho da historiografia e crítica de arte latino-americana esteve sempre oscilando entre duas visões opostas: ora a arte como vítima da tradição e dominada por modelos estrangeiros, ora uma visão idealista do que a arte deveria ser.

Partindo do trabalho de Gutiérrez-Witt (cf. 1998) buscou-se levantar uma lista de **fontes impressas** de referência básica para o tema, priorizando as abordagens mais abrangentes no espaço geográfico e no tempo (principalmente do século XX e contemporaneidade). O grande volume de trabalhos sobre períodos pré-colombianos, monografias sobre artistas ou movimentos, recortes parciais tais como estudos regionais ou nacionais não foram incluídos. Dentre os “livros de arte” foram diferenciados as monografias e os catálogos de cole-

ções, museus e exposições. Embora o primeiro catálogo publicado foi em 1896 do Museu Nacional de Bellas Artes de Argentina (atual MNBA) por iniciativa de Eduardo Schiaff, só desde os anos 30/40 que começam a ser regulares tais publicações. Já sobre os “livros de autor” foram diferenciados os de caráter teórico (crítica e ensaios) dos de história por períodos. Com esses pressupostos, foi levantado um total de 54 títulos que podem ser agrupados em:

- 10 dicionários, bibliografias, enciclopédias e diretórios;
- 09 catálogos de museus e exposições;
- 35 manuais, histórias e teorias.

Desse elenco, 14 são trabalhos anteriores a 1980, 18 dos anos 80, 18 dos anos 90 e 05 publicados desde 2000 até hoje. De todos esses trabalhos, embora alguns estejam esgotados, pelo menos 31 estão em espanhol ou português.

No Brasil se pesquisa e se publica muito (embora não o suficiente ainda!) sobre a arte brasileira, principalmente sobre os períodos colonial e contemporâneo, embora os estudos estéticos sobre arte indígena, afro-brasileira e pré-histórica ainda sejam escassos e regionais. Já o repertório de publicações brasileiras sobre o tema da arte latino-americana é um corolário da produção acadêmica descrita no início. Do elenco de referências sobre o tema exposto acima, apenas duas são produções coordenadas por brasileiros além da participação em ensaios em outros três ou quatro títulos.

Dos estudos produzidos desde os anos 80, a grande maioria são em língua inglesa, e numa pesquisa de títulos disponíveis no Brasil em *sites* da Livraria Cultura, da Siciliano e das Editoras Universitárias, apenas o trabalho de Dawn Ades (1997) conta com tradução para o português. Dentre os títulos em espanhol, podem ser encomendados os trabalhos de Aracy do Amaral et al. (2000), Damián Bayón (1990), Juan Carlos Lombán (1994), Edward Lucie-Smith (1993) e Edward Sullivan (1996).

Em *sites* internacionais, tais com Amazon e Alibris, ou até nas maiores livrarias e editoras espanholas, portuguesas, italianas, francesas e alemãs, é possível adquirir um elenco de pouco mais de 20 títulos, a maioria em inglês, com abordagem panorâmica desde o século XIX ou inícios do XX até os anos 80-90. No *site* da Amazon, sobre *Latin American Art* há disponíveis 24 títulos recentes, publicados desde nov/dez de 2003 até lançamentos previstos para inícios de 2005, todos em língua inglesa e apenas um bilingüe inglês/espanhol.

Dentre o repertório de publicações digitais, embora a pesquisa ainda esteja incipiente, foram levantadas as **revistas digitais** existentes que abordam sob diferentes enfoques o tema que nos ocupa. Segundo informações do Unversia, de 41 revistas digitais na área de Belas Artes, 16 abordam questões ou se concentram sobre arte latino-americana.

Do exposto até aqui se pode concluir que há uma dificuldade de acesso “física” às publicações sobre arte latino-americana pela escassa disponibilidade efetiva nas livrarias brasileiras bem como pela falta de bibliotecas especializadas, mas também uma dificuldade de acesso “idiomática” pelas pouquíssimas traduções para o português. Dito de outro modo, as referências atualizadas que existem sobre uma produção artística que fala espanhol ou português, anacronicamente, são produzidas em inglês. A questão não é de “ler” inglês mas de um repertório de análises disponíveis que não são escritas por latino-americanos.

Nesse sentido cabe resgatar as observações de Marta Traba (1973-1977) sobre as imposições de estéticas e modelos externos às lógicas latino-americanas: até onde se pode falar de “resistências da arte” se as interpretações e análises majoritariamente são produzidas por centros de estudos norte-americanos ou europeus?

Perspectivas de trabalho

Como mostra Araya Cid (cf. 2001) as universidades tiveram um papel preponderante na transformação dos modos expositivos da crítica e no processo de transformação das artes visuais, através dos modos particulares de estruturação dos discursos e dos enfoques modernos da problemática da arte. As universidades determinaram uma nova face do sistema artístico latino-americano, através de disciplinas específicas e questões epistemológicas inovadoras que embasaram uma crítica de arte que buscava abordar não só as obras senão também os processos de consumo, a discussão da identidade latino-americana e problemas inerentes ao fazer artístico. Por um lado, desde os anos 50 assistimos a um surgimento expressivo de escolas de arte no seio das universidades, processo que nos anos 70 evidencia um re-direcionamento da produção crítica através de monografias e ensaios abandonando a elaboração de macro-histórias da arte. Por outro lado, em paralelo à criação de novas escolas de artes temos a sistemática criação de museus de arte moderna e de bienais diante da escassez de espaços apropriados para exibição de obras de arte, constituindo um circuito de arte cada vez mais especializado que vai delineando um caminho de profissionalização do artista.

Deste modo, a crítica de arte, que vai caminhando para o que será a atividade de curadoria, passa a substituir o papel dos manifestos vanguardistas e a se comportar também como objeto artístico. Se desde o século XVIII assistimos a um processo de sistematização dos saberes artísticos pelas academias de Belas Artes, no qual os artistas anônimos passavam a ser “regularizados” pelos mestres, desde os anos 80, a dinâmica de legitimação e inserção no mercado

dos artistas e sua produção depende diretamente do que os críticos digam, os curadores decidam mostrar e o catálogo impresso registre.

Cabe pois às universidades novamente resgatar seu papel inovador, de motor crítico capaz de impedir que o estrelato dos curadores transforme as discussões culturais e a própria arte contemporânea em modismos passageiros ou escolhas oportunas para espetacularizações midiáticas.

REFERÊNCIAS GERAIS

ARAYA, Guadalupe Alvarez de. **Las formas de la Crítica de Artes en América Latina**. Trabajo preparado para la Mesa Redonda “Texto, Arte y Curatoria”, Universidad Católica, octubre 2001. Disponível em: www.critica.cl acessado em set.2004.

GUTIÉRREZ-WITT, Laura. **Latin American Art: selected sources**. In: BiblioNoticias nº94, mar.1998. Disponível em www.lib.utexas.edu/benson/bibnot acessado em set.2004.

Alejandra Hernández Muñoz. Uruguia, residente em Salvador desde 1992, é Arquiteta, Mestre em Desenho Urbano, Doutoranda em Urbanismo no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia (PPGAU/UFBA) e professora de História da Arte na Escola de Belas Artes (EBA/UFBA)

MUSEOGRAFIAS DO MASP

Alexander Gaiotto Miyoshi
alexmiyoshi@hotmail.com

Desde o final de 1996, uma polêmica envolve a configuração museográfica do Museu de Arte de São Paulo: retiraram-se os cavaletes de vidro, suportes dos quadros propostos por Lina Bo Bardi, e colocaram-se altas e espessas paredes de gesso. A mudança dividiu opiniões e gerou uma série de manifestações em defesa de uma ou outra concepção expositiva. Se, por um lado, os defensores da proposta inicial pautaram-se na idéia de liberdade, novidade e no desenvolvimento histórico dos cavaletes de vidro – coerentes com um edifício concebido para este modo de exposição –, por outro, foram apresentados problemas técnicos e de apreciação das obras que deveriam ser corrigidos de modo a salvaguardar os quadros e “restaurar o equilíbrio fenomenológico e civilizacional entre a obra de arte e o suporte arquitetônico com o qual sempre dialogou – a parede –, elemento constitutivo de sua própria identidade histórica.”¹ Veremos alguns dos argumentos utilizados como justificativa a cada proposta e o decorrente processo de tombamento do edifício pelo Iphan.

O edifício do MASP foi concluído em 1968, orientado pelo projeto arquitetônico de Lina Bo Bardi e por um sistema estrutural em concreto protendido desenvolvido pelo engenheiro José Carlos Figueiredo Ferraz. O projeto englobou, de modo especial, o desenho do sistema expositivo das obras de arte. Como no primeiro MASP, da rua 7 de abril, a museografia do novo edifício significou não apenas a criação de um espaço expositivo, mas de uma concepção pedagógica para apreciação da arte. Observa-se uma continuidade com a proposta do primeiro MASP, mas diferente no emprego de materiais e na constituição espacial do sistema expositivo. Se idealmente a obra de arte continua destacada da parede, o faz de outra forma e com radicalidade acentuada.

A planta livre, desejo da arquiteta desde os tempos da 7 de abril, tornou-se realidade no edifício da avenida Paulista. Em todos os andares – incluindo o térreo, em contato direto, aberto e franco com a rua –, os espaços expositivos têm grandes dimensões como grandes hangares. Os famosos “cavaletes de cristal” foram colocados no segundo pavimento, a pinacoteca, com piso em placas de borracha preta, escada e empenas em concreto aparente, laje em concreto pintado de branco, caixilhos de alumínio e grandes panos de vidro. Segundo Lina, “o critério que informou a arquitetura interna do Museu restringiu-se a soluções de ‘flexibilidade’,

¹ *A Evolução da Museologia do Masp no último decênio (1986-1998)*, reprodução de fax enviado ao Masp no dia 26 de novembro de 1998, p. 6, arquivo do Instituto Lina Bo e Pietro Maria Bardi.